

1. (Fuvest 2020) Agora, o Manuel Fulô, este, sim! Um sujeito pingadinho, quase menino – “pepino que encorajou desde pequeno” – cara de bobo de fazenda, do segundo tipo –; porque toda fazenda tem o seu bobo, que é, ou um velhote baixote, de barba rara no queixo, ou um eterno rapazola, meio surdo, gago, glabro\* e alvar\*\*. Mas gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono de hotel. E, em suas feições de caburé\*\*\* insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

Guimarães Rosa, “Corpo fechado”, de Sagarana.

\*sem pelos, sem barba \*\*tolo \*\*\*mestiço

O retrato de Manuel Fulô, tal como aparece no fragmento, permite afirmar que

- há clara antipatia do narrador para com a personagem, que por isso é caracterizada como “bobo de fazenda”.
- estão presentes traços de diferentes etnias, de modo a refletir a mescla de culturas própria ao estilo do livro.
- a expressão “caburé insalubre” denota o determinismo biológico que norteia o livro.
- é irônico o trecho “para mostrar brabeza”, pois ao fim da narrativa Manuel Fulô sofre derrota na luta física.
- se apontam em sua fisionomia os “olhinhos de viés” para caracterizar a personagem como ingênua.

2. (Fuvest 2020) Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, “destroem” o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói. E prendem-nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz-nos o mundo outro, irreal, neles configurado (...). No entanto, da adesão a esse “mundo de papel”, quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri-lo, sentindo-o e pensando-o de maneira diferente e nova. A ilusão, a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar-se dele, transfigurando-o; e aclara-o já pelo insight que em nós provocou.

Benedito Nunes, “Ética e leitura”, de Crivo de Papel.

O argumento de Benedito Nunes, em torno da natureza artística da literatura, leva a considerar que a obra só assume função transformadora se

- estabelece um contraponto entre a fantasia e o mundo.
- utiliza a linguagem para informar sobre o mundo.
- instiga no leitor uma atitude reflexiva diante do mundo.
- oferece ao leitor uma compensação anestésica do mundo.
- conduz o leitor a ignorar o mundo real.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

amora

a palavra amora  
seria talvez menos doce  
e um pouco menos vermelha  
se não trouxesse em seu corpo  
(como um velado esplendor)  
a memória da palavra amor

a palavra amargo  
seria talvez mais doce  
e um pouco menos acerba  
se não trouxesse em seu corpo  
(como uma sombra a espreitar)  
a memória da palavra amar

Marco Catalão, Sob a face neutra.

3. (Fuvest 2020) É correto afirmar que o poema
- aborda o tema da memória, considerada uma faculdade que torna o ser humano menos amargo e sombrio.
  - enfoca a hesitação do eu lírico diante das palavras, o que vem expresso pela repetição da palavra “talvez”.
  - apresenta natureza romântica, sendo as palavras “amora” e “amargo” metáforas do sentimento amoroso.
  - possui reiterações sonoras que resultam em uma tensão inusitada entre os termos “amor” e “amar”.
  - ressalta os significados das palavras tal como se verificam no seu uso mais corrente.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:  
Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Uma planta é perturbada na sua sesta\* pelo exército que a pisa.

Mas mais frágil fica a bota.  
Gonçalo M. Tavares, 1: poemas.

\*sesta: repouso após o almoço.

4. (Fuvest 2020) O ditado popular que se relaciona melhor com o poema é:
- Para bom entendedor, meia palavra basta.
  - Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
  - Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
  - Um dia é da caça, o outro é do caçador.
  - Uma andorinha só não faz verão.

5. (Fuvest 2020) Considerando que se trata de um texto literário, uma interpretação que seja capaz de captar a sua complexidade abordará o poema como

- uma defesa da natureza.
- um ataque às forças armadas.
- uma defesa dos direitos humanos.
- uma defesa da resistência civil.
- um ataque à passividade.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Sonetinho do falso Fernando Pessoa

Onde nasci, morri.  
Onde morri, existo.  
E das peles que visto  
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti  
posso durar. Desisto  
de tudo quanto é misto  
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,  
à deusa que se ri  
deste nosso oaristo\*,

eis-me a dizer: assisto  
além, nenhum, aqui,  
mas não sou eu, nem isto.

Carlos Drummond de Andrade. Claro Enigma.

\*conversa íntima entre casais.

Ulisses

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo -  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

Fernando Pessoa. Mensagem.

6. (Fuvest 2019) Considerando os poemas, assinale a alternativa correta.

a) As noções de que a identidade do poeta independe de sua existência biográfica, no “Sonetinho”, e de que o mito se perpetua para além da vida, em “Ulisses”, produzem uma analogia entre os poemas.

b) As referências a Mefisto (“diabo”, na lenda alemã de Fausto) e a Deus no “Sonetinho” e em “Ulisses”, respectivamente, associadas ao polo de opostos “morte” e “vida”, revelam uma perspectiva cristã comum aos poemas.

c) O resgate da forma clássica, no “Sonetinho”, e a referência à primeira pessoa do plural, em “Ulisses”, denotam um mesmo espírito agregador e comunitário.

d) O eu lírico de cada poema se identifica, respectivamente, com seus títulos. No poema de Drummond, trata-se de alguém referido como “falso Fernando Pessoa”, já no poema de Pessoa, o eu lírico é “Ulisses”.

e) Os versos “As coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão. // Mas as coisas findas, / muito mais que lindas, /

essas ficarão”, de outro poema de Claro Enigma, sugerem uma relação de contraste com os poemas citados.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. 1Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, Teorias da arte. Adaptado.

7. (Fuvest 2018) De acordo com o texto, a compreensão do significado de uma obra de arte pressupõe

- o reconhecimento de seu significado intrínseco.
- a exclusividade do ponto de vista mais recente.
- a consideração de seu caráter imutável.
- o acúmulo de interpretações anteriores.
- a explicação definitiva de seu sentido.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinhá Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, Vidas secas.

8. (Fuvest 2018) As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em Vidas secas, representa

- o conformismo dos sertanejos.

- b) os anseios comunitários de justiça social.
- c) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- d) a crença em uma vida sobrenatural.
- e) o desdém por um mundo melhor.

9. (Enem 2016) Bons dias!  
14 de junho de 1889

Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas de meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das mais profundas sensações da vida, – igual ou quase igual à que dá a vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado.

ASSIS. M. Bons dias! (Crônicas 1885-1839).  
Campinas Editora da Unicamp, São Paulo: Hucitec, 1590.

O jornal impresso é parte integrante do que hoje se compreende por tecnologias de informação e comunicação. Nesse texto, o jornal é reconhecido como

- a) objeto de devoção pessoal.
- b) elemento de afirmação da cultura.
- c) instrumento de reconstrução da memória.
- d) ferramenta de investigação do ser humano.
- e) veículo de produção de fatos da realidade.

10. (Enem 2016) A partida de trem

Marcava seis horas da manhã. Angela Pralini pagou o táxi e pegou sua pequena valise. Dona Maria Rita de Alvarenga Chagas Souza Melo desceu do Opala da filha e encaminharam-se para os trilhos. A velha bem-vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. Mas que importa? Chega-se a um certo ponto – e o que foi não importa. Começa uma nova raça. Uma velha não pode comunicar-se. Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora antes do trem partir. Ajudara-a antes a subir no vagão. Sem que neste houvesse um centro, ela se colocara do lado. Quando a locomotiva se pôs em movimento, surpreendeu-se um pouco: não esperava que o trem seguisse nessa direção e sentara-se de costas para o caminho.

Angela Pralini percebeu-lhe o movimento e perguntou:  
— A senhora deseja trocar de lugar comigo?

Dona Maria Rita se espantou com a delicadeza, disse que não, obrigada, para ela dava no mesmo. Mas parecia ter-se perturbado. Passou a mão sobre o camafeu filigranado de ouro, espetado no peito, passou a mão pelo broche. Seca. Ofendida? Perguntou afinal a Angela Pralini:

— É por causa de mim que a senhorita deseja trocar de lugar?

LISPECTOR, C. Onde estivestes de noite.  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (fragmento).

A descoberta de experiências emocionais com base no cotidiano é recorrente na obra de Clarice Lispector. No fragmento, o narrador enfatiza o(a)

- a) comportamento vaidoso de mulheres de condição social privilegiada.
- b) anulação das diferenças sociais no espaço público de uma estação.

- c) incompatibilidade psicológica entre mulheres de gerações diferentes.
- d) constrangimento da aproximação formal de pessoas desconhecidas.
- e) sentimento de solidão alimentado pelo processo de envelhecimento.

11. (Enem 2016) Galinha cega

O dono correu atrás de sua branquinha, agarrou-a, lhe examinou os olhos. Estavam direitinhos, graças a Deus, e muito pretos. Soltou-a no terreiro e lhe atirou mais milho. A galinha continuou a bicar o chão desorientada. Atirou ainda mais, com paciência, até que ela se fartasse. Mas não conseguiu com o gasto de milho, de que as outras se aproveitaram, atinar com a origem daquela desorientação. Que é que seria aquilo, meu Deus do céu? Se fosse efeito de uma pedrada na cabeça e se soubesse quem havia mandado a pedra, algum moleque da vizinhança, aí... Nem por sombra imaginou que era a cegueira irremediável que principiava.

Também a galinha, coitada, não compreendia nada, absolutamente nada daquilo. Por que não vinham mais os dias luminosos em que procurava a sombra das pitangueiras? Sentia ainda o calor do sol, mas tudo quase sempre tão escuro. Quase que já não sabia onde é que estava a luz, onde é que estava a sombra.

GUIMARAENS, J. A. Contos e novelas.  
Rio de Janeiro: Imago, 1976 (fragmento).

Ao apresentar uma cena em que um menino atira milho às galinhas e observa com atenção uma delas, o narrador explora um recurso que conduz a uma expressividade fundamentada na

- a) captura de elementos da vida rural, de feições peculiares.
- b) caracterização de um quintal de sítio, espaço de descobertas.
- c) confusão intencional da marcação do tempo, centrado na infância.
- d) apropriação de diferentes pontos de vista, incorporados afetivamente.
- e) fragmentação do conflito gerador, distendido como apoio à emotividade.

12. (Enem 2016) Em casa, Hideo ainda podia seguir fiel ao imperador japonês e às tradições que trouxera no navio que aportara em Santos. [...] Por isso Hideo exigia que, aos domingos, todos estivessem juntos durante o almoço. Ele se sentava à cabeceira da mesa; à direita ficava Hanashiro, que era o primeiro filho, e Hitoshi, o segundo, e à esquerda, Haruo, depois Hiroshi, que era o mais novo. [...] A esposa, que também era mãe, e as filhas, que também eram irmãs, aguardavam de pé ao redor da mesa [...]. Haruo reclamava, não se cansava de reclamar: que se sentassem também as mulheres à mesa, que era um absurdo aquele costume. Quando se casasse, se sentariam à mesa a esposa e o marido, um em frente ao outro, porque não era o homem melhor que a mulher para ser o primeiro [...]. Elas seguiam de pé, a mãe um pouco cansada dos protestos do filho, pois o momento do almoço era sagrado, não era hora de levantar bandeiras inúteis [...].

NAKASATO, O. Nihonjin. São Paulo: Benvirá, 2011 (fragmento).

Referindo-se a práticas culturais de origem nipônica, o narrador registra as reações que elas provocam na família e mostra um contexto em que

- a) a obediência ao imperador leva ao prestígio pessoal.
- b) as novas gerações abandonam seus antigos hábitos.
- c) a refeição é o que determina a agregação familiar.
- d) os conflitos de gênero tendem a ser neutralizados.
- e) o lugar à mesa metaforiza uma estrutura de poder.

13. (Enem 2016) Esses chopos dourados

[...]

quando a geração de meu pai  
batia na minha  
a minha achava que era normal  
que a geração de cima  
só podia educar a de baixo  
batendo

quando a minha geração batia na de vocês  
ainda não sabia que estava errado  
mas a geração de vocês já sabia  
e cresceu odiando a geração de cima

aí chegou esta hora  
em que todas as gerações já sabem de tudo  
e é péssimo  
ter pertencido à geração do meio  
tendo errado quando apanhou da de cima  
e errado quando bateu na de baixo

e sabendo que apesar de amaldiçoados  
éramos todos inocentes.

WANDERLEY, J. In: MORICONI, I. (Org.).  
Os cem melhores poemas brasileiros do século.  
Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (fragmento).

Ao expressar uma percepção de atitudes e valores situados na passagem do tempo, o eu lírico manifesta uma angústia sintetizada na

- a) compreensão da efemeridade das convicções antes vistas como sólidas.
- b) consciência das imperfeições aceitas na construção do senso comum.
- c) revolta das novas gerações contra modelos tradicionais de educação.
- d) incerteza da expectativa de mudança por parte das futuras gerações.
- e) crueldade atribuída à forma de punição praticada pelos mais velhos.

14. (Enem 2016) Sem acessórios nem som

Escrever só para me livrar  
de escrever.  
Escrever sem ver, com riscos  
sentindo falta dos acompanhamentos  
com as mesmas lesmas  
e figuras sem força de expressão.  
Mas tudo desafina:  
o pensamento pesa  
tanto quanto o corpo  
enquanto corto os conectivos  
corto as palavras rentes

com tesoura de jardim  
cega e bruta  
com facão de mato.  
Mas a marca deste corte  
tem que ficar  
nas palavras que sobraram.  
Qualquer coisa do que desapareceu  
continuou nas margens, nos talos  
no atalho aberto a talhe de foice  
no caminho de rato.

FREITAS FILHO, A. Máquina da escrever: poesia reunida e revista.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Nesse texto, a reflexão sobre o modo criativo aponta para uma concepção de atividade poética que põe em evidência o(a)

- a) angustiante necessidade de produção, presente em “Escrever só para me livrar/ de escrever”.
- b) imprevisível percurso da composição, presente em “no atalho aberto a talhe de foice/ no caminho de rato”.
- c) agressivo trabalho de supressão, presente em “corto as palavras rentes/ com tesoura de jardim/ cega e bruta”.
- d) inevitável frustração diante do poema, presente em “Mas tudo desafina:/ o pensamento pesa/ tanto quanto o corpo”.
- e) conflituosa relação com a inspiração, presente em “sentindo falta dos acompanhamentos/ e figuras sem força de expressão”.

15. (Enem 2016) Você pode não acreditar

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os leiteiros deixavam as garrafinhas de leite do lado de fora das casas, seja ao pé da porta, seja na janela.

A gente ia de uniforme azul e branco para o grupo, de manhazinha, passava pelas casas e não ocorria que alguém pudesse roubar aquilo.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os padeiros deixavam o pão na soleira da porta ou na janela que dava para a rua. A gente passava e via aquilo como uma coisa normal.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que você saía à noite para namorar e voltava andando pelas ruas da cidade, caminhando displicentemente, sentindo cheiro de jasmim e de alecrim, sem olhar para trás, sem temer as sombras.

Você pode não acreditar: houve um tempo em que as pessoas se visitavam aiosamente. Chegavam no meio da tarde ou à noite, contavam casos, tomavam café, falavam da saúde, tricotavam sobre a vida alheia e voltavam de bonde às suas casas.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que o namorado primeiro ficava andando com a moça numa rua perto da casa dela, depois passava a namorar no portão, depois tinha ingresso na sala da família. Era sinal de que já estava praticamente noivo e seguro.

Houve um tempo em que havia tempo.  
Houve um tempo.

SANTANNA, A. R. Estado de Minas, 5 maio 2013  
(fragmento).

Nessa crônica, a repetição do trecho “Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que...” configura-se como uma estratégia argumentativa que visa

- a) surpreendem leitor com a descrição do que as pessoas faziam durante o seu tempo livre antigamente.

- b) sensibilizar o leitor sobre o modo como as pessoas se relacionavam entre si num tempo mais aprazível.
- c) advertir o leitor mais jovem sobre o mau uso que se faz do tempo nos dias atuais.
- d) incentivar o leitor a organizar melhor o seu tempo sem deixar de ser nostálgico.
- e) convencer o leitor sobre a veracidade de fatos relativos à vida no passado.

16. (Enem 2019) Os subúrbios do Rio de Janeiro foram a primeira coisa a aparecer no mundo, antes mesmo dos vulcões e dos cachalotes, antes de Portugal invadir, antes do Getúlio Vargas mandar construir casas populares. O bairro do Queím, onde nasci e cresci, é um deles. Aconchegado entre o Engenho Novo e Andaraí, foi feito daquela argila primordial, que se aglutinou em diversos formatos: cães soltos, moscas e morros, uma estação de trem, amendoiras e barracos e sobrados, botecos e arsenais de guerra, armarinhos e bancas de jogo do bicho e um terreno enorme reservado para o cemitério. Mas tudo ainda estava vazio: faltava gente.

Não demorou. As ruas juntaram tanta poeira que o homem não teve escolha a não ser passar a existir, para varrê-las. À tardinha, sentar na varanda das casas e reclamar da pobreza, falar mal dos outros e olhar para as calçadas encardidas de sol, os ônibus da volta do trabalho sujando tudo de novo.

HERINGER, V. O amor dos homens avulsos. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

Traçando a gênese simbólica de sua cidade, o narrador imprime ao texto um sentido estético fundamentado na

- a) excentricidade dos bairros cariocas de sua infância.
- b) perspectiva caricata da paisagem de traços deteriorados.
- c) importância dos fatos relacionados à história dos subúrbios.
- d) diversidade dos tipos humanos identificados por seus hábitos.
- e) experiência do cotidiano marcado pelas necessidades e urgências.

17. (Enem 2019) Uma ouriça

Se o de longe esboça lhe chegar perto,  
se fecha (convexo integral de esfera),  
se eriça (bélica e multiespinhenta):  
e, esfera e espinho, se ouriça à espera.  
Mas não passiva (como ouriço na loca);  
nem só defensiva (como se eriça o gato)  
sim agressiva (como jamais o ouriço),  
do agressivo capaz de bote, de salto  
(não do salto para trás, como o gato):  
daquele capaz de salto para o assalto.

Se o de longe lhe chega em (de longe),  
de esfera aos espinhos, ela se desouriça.  
Reconverte: o metal hermético e armado  
na carne de antes (côncava e propícia),  
as molas felinas (para o assalto),  
nas molas em espiral (para o abraço).

MELO NETO, J. C. A educação pela pedra. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1997

Com apuro formal, o poema tece um conjunto semântico que metaforiza a atitude feminina de

- a) tenacidade transformada em brandura.
- b) obstinação traduzida em isolamento.
- c) inércia provocada pelo desejo platônico.
- d) irreverência cultivada de forma cautelosa.
- e) desconfiança consumada pela intolerância.

18. (Enem 2017) Declaração de amor

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa Ela não é fácil. Não é maleável. [...] A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobre tudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes a galope. Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo em minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do tórumo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega. Se eu fosse muda e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas, como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

LISPECTOR, C. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro Rocco, 1999 (adaptado).

O trecho em que Clarice Lispector declara seu amor pela língua portuguesa, acentuando seu caráter patrimonial e sua capacidade de renovação, é:

- a) “A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve.”
- b) “Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita.”
- c) “Todos nós que escrevemos estamos fazendo do tórumo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.”
- d) “Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada.”
- e) “Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.”

19. (Enem 2017) A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizos que adulteravam este novo relacionamento, geram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher,

sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.

HATOUM, M. Relato de um certo Oriente. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo

- predomínio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.
- discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.
- desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abundância.
- sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.
- rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pela mudanças nas regras da casa.

20. (Enem 2017) Segundo quadro

Uma sala da prefeitura. O ambiente é modesto. Durante a mutação, ouve-se um dobrado e vivas a Odorico, “viva o prefeito” etc. Estão em cena Dorotéa, Juju, Dirceu, Dulcinéa, o vigário e Odorico. Este último, à janela, discursa.

ODORICO – Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, a ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.

Aplausos vêm de fora.

ODORICO – Eu prometi que o meu primeiro ato como prefeito seria ordenar a construção do cemitério.

Aplausos, aos quais se incorporam as personagens em cena.

ODORICO – (Continuando o discurso:) Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês lá poderão morrer descansados, tranquilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido.

GOMES, D. O bem amado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

O gênero peça teatral tem o entretenimento como uma de suas funções. Outra função relevante do gênero, explícita nesse trecho de O bem amado, é a

- criticar satiricamente o comportamento de pessoas públicas.
- denunciar a escassez de recursos públicos nas prefeituras do interior.
- censurar a falta de domínio da língua padrão em eventos sociais.
- despertar a preocupação da plateia com a expectativa de vida dos Cidadãos.

e) questionar o apoio irrestrito de agentes públicos aos gestores governamentais.

21. (Enem 2017) O homem disse, Está a chover, e depois, Quem é você, Não sou daqui, Anda à procura de comida, Sim, há quatro dias que não comemos, E como sabe que são quatro dias, É um cálculo, Está sozinha, Estou com o meu marido e uns companheiros, Quantos são, Ao todo, sete; Se estão a pensar em ficar conosco, tirem daí o sentido, já somos muitos, Só estamos de passagem, Onde vêm, Estivemos internados desde que a cegueira começou, Ah, sim, a quarentena, não serviu de nada. Porque diz isso, Deixaram-nos sair, Houve um incêndio e nesse momento percebemos que os soldados que nos vigiavam tinham desaparecido, E saíram, Sim, Os vossos soldados devem ter sido dos últimos a cegar, toda a gente está cega, Toda a gente, a cidade toda, o país,

SARAMAGO, J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Cia. das Letras. 1995.

A cena retrata as experiências das personagens em um país atingido por uma epidemia. No diálogo, a violação de determinadas regras de pontuação

- revela uma incompatibilidade entre o sistema de pontuação convencional e a produção do gênero romance.
- provoca uma leitura equivocada das frases interrogativas e prejudica a verossimilhança.
- singulariza o estilo do autor e auxilia na representação do ambiente caótico.
- representa uma exceção às regras do sistema de pontuação canônica.
- colabora para a construção da identidade do narrador pouco escolarizado.

22. (Enem 2017) Contranarciso

em mim  
eu vejo o outro  
e outro  
e outro  
enfim dezenas  
trens passando  
vagões cheios de gente  
centenas

o outro  
que há em mim  
é você  
você  
e você

assim como  
eu estou em você  
eu estou nele  
em nós  
e só quando  
estamos em nós  
estamos em paz  
mesmo que estejamos a sós

LEMINSKI, P. Toda poesia. São Paulo: Cia. das Letras. 2013.

A busca pela identidade constitui uma faceta da tradição literária, redimensionada pelo olhar contemporâneo. No poema, essa nova dimensão revela a

- a) ausência de traços idenitários.
- b) angústia com a solidão em público.
- c) valorização da descoberta do “eu” autêntico.
- d) percepção da empatia como fator de autoconhecimento.
- e) impossibilidade de vivenciar experiências de pertencimento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
Romance LIII ou Das Palavras Aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras,  
sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,  
e quedais, com sorte nova! (...)

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Perdão podíeis ter sido!  
– sois madeira que se corta,  
– sois vinte degraus de escada,  
– sois um pedaço de corda...  
– sois povo pelas janelas,  
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Éreis um sopro na aragem...  
– sois um homem que se enforca!

Cecília Meireles, Romanceiro da Inconfidência.

23. (Fuvest 2021) A “estranha potência” que a voz lírica ressalta nas palavras decorre de uma combinação entre

- a) fluidez nos ventos do presente e conteúdo fixo no passado.
- b) forma abstrata no espaço e presença concreta na história.
- c) leveza impalpável na arte e vigor nos documentos antigos.
- d) sonoridade ruidosa nos ares e significado estável no papel.
- e) lirismo irrefletido da poesia e peso justo dos acontecimentos.

24. (Fuvest 2021) Remissão

Tua memória, pasto de poesia,  
tua poesia, pasto dos vulgares,  
vão se engastando numa coisa fria  
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de quê? perguntaria,  
se esse travo de angústia nos cantares,  
se o que dorme no base da elegia  
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves  
e te forçou ao exílio das palavras,  
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, e suas formas breves  
ou longas, que sutil interpretavas,  
se evapora no fundo do teu ser?

Carlos Drummond de Andrade, Claro enigma.

Claro enigma apresenta, por meio do lirismo reflexivo, o posicionamento do escritor perante a sua condição no mundo.

Considerando-o como representativo desse seu aspecto, o poema “Remissão”

a) traduz a melancolia e o recolhimento do eu lírico em face da sensação de incomunicabilidade com uma realidade indiferente à sua poesia.

b) revela uma perspectiva inconformada, mesclando-a, livre da indulgência dos anos anteriores, a um novo formalismo estético.

c) propõe, como reação do poeta à vulgaridade do mundo, uma poética capaz de interferir na realidade pelo viés nostálgico.

d) reflete a visão idealizada do trabalho do poeta e a consciência da perenidade da poesia, resistente à passagem do tempo.

e) realiza a transição do lirismo social para o lirismo metafísico, caracterizado pela adesão ao conforto espiritual e ao escapismo imaginativo.

**Gabarito:**

Resposta da questão 1:  
[B]

Nas últimas linhas do excerto, a descrição de Manuel Fulô revela as marcas étnicas do personagem, de “sangue aimoré e do gálico”, mescla de culturas que se observa também no estilo de “Sagarana”: prosa popular e culta, regional e universal, simples e inventiva, mítica e racional. Assim, é correta a opção [B].

Resposta da questão 2:  
[C]

Nos últimos períodos do texto, o autor declara que os elementos imaginários presentes na obra literária permitem ao leitor ampliar a sua visão de mundo, pensando-o de forma diferente a partir das revelações súbitas que a obra lhe provoca: “possibilita redescobri-lo, sentindo-o e pensando-o de maneira diferente e nova”, “aclara-o já pelo insight que em nós provocou”. Assim, a obra só assume função transformadora se instiga no leitor uma atitude reflexiva diante do mundo, como transcrito em [C].

Resposta da questão 3:  
[D]

No poema “Amora”, o eu lírico tece considerações sobre os termos “amor”/“amora” e “amar”/“amargo”, explorando através de figuras sonoras (assonância, aliteração e paranomásia) as tensões entre amor, sentimento terno e caloroso de uma pessoa por outra e as adversidades que surgem quando ele é vivenciado no próprio ato de amar. Ou seja, possui reiterações sonoras que resultam em uma tensão inusitada entre os termos “amor” e “amar”, como se afirma em [D].

Resposta da questão 4:

[B]

A planta, embora mais frágil que a bota, tem a capacidade de renascer, o que a torna resistente e capaz de vencer quem a esmaga. Sob esta perspectiva, o ditado popular “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, transcrito em [B], relaciona-se com a ideia da persistência da luta do oprimido até a vitória sobre o opressor.

Resposta da questão 5:

[D]

No poema de Gonçalo M. Tavares, poeta de origem angolana e que, com o fim da guerra colonial, se estabeleceu em Portugal, os termos “planta” e “bota” simbolizam, no poema, o oprimido e o opressor, respectivamente, o que pode aludir à luta de classes dentro de um sistema opressivo e à defesa da resistência civil, como se afirma em [D].

Resposta da questão 6:

[A]

Em “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, os versos “E das peles que visto/muitas há que não vi” e “eis-me a dizer: assisto/além, nenhum, aqui,/mas não sou eu, nem isto” revelam que Drummond dissocia o fazer poético das suas vivências ou experiências pessoais. Em “Ulisses”, Fernando Pessoa atribui a perpetuidade de Ulisses, herói mitológico da fundação de Portugal, à sua inexistência real: “O mito é o nada que é tudo”, “Este, que aqui aportou,/Foi por não ser existindo./Sem existir nos bastou”. Assim, produz-se uma analogia entre os poemas: no primeiro, as noções de que a identidade do poeta independe de sua existência biográfica e, no segundo, de que o mito se perpetua para além da vida, como se afirma em [A].

Resposta da questão 7:

[D]

No último período do texto, Arnold Hauser afirma que, a cada geração, o significado de uma obra de arte leva em conta uma série completa de interpretações feitas por gerações anteriores. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 8:

[B]

O mundo de preás referido na carta de Graciliano e nos “pensamentos” de Baleia antes de morrer representa, metaforicamente, os anseios por uma vida digna, pela justiça social referida na opção [B].

Resposta da questão 9:

[C]

Na crônica “Bons dias!”, Machado de Assis discorre sobre a satisfação que sente ao ler jornais antigos. Na última frase do excerto, justifica essa sensação pelo fato de esse tipo de leitura lhe permitir a convivência com fatos ocorridos em contextos sociais de outras épocas: “Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado”. Assim, é correta a opção [C], pois, nesse sentido, o jornal é reconhecido como instrumento de reconstrução da memória.

Resposta da questão 10:

[E]

Expressões como “Uma velha não pode comunicar-se” ou “Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora”, assim como a última fala de Dona Maria Rita ao expressar surpresa perante o fato de alguém se interessar pelo seu conforto, sugere que o narrador pretende enfatizar o sentimento de solidão alimentado pelo processo de envelhecimento. Assim, é correta a opção [E].

Resposta da questão 11:

[D]

O narrador serve-se do discurso indireto livre para reproduzir os pensamentos do menino que, ao atirar milho às galinhas, percebia a desorientação de uma delas que bicava o chão em vez dos grãos. Por sua vez, o uso dos diminutivos incorpora o pensamento infantil do menino ao discurso do narrador (“branquinha”, “pretinhos”), assim como a expressão afetiva, “coitada”, que reflete a preocupação da criança. O segmento “Que é que seria aquilo, meu Deus do céu?” traduz, em discurso indireto livre, o pensamento da galinha que não compreende o que lhe está a acontecer. Assim, é correta a opção [D], pois o narrador apresenta a cena através da apropriação de diferentes pontos de vista, incorporados afetivamente.

Resposta da questão 12:

[E]

A disposição dos elementos da família à volta da mesa simboliza a hierarquia do grupo, cujo chefe é o pai, sentado à cabeceira: “Ele se sentava à cabeceira da mesa; à direita ficava Hanashiro, que era o primeiro filho, e Hitoshi, o segundo, e à esquerda, Haruo, depois Hiroshi, que era o mais novo. [...] A esposa, que também era mãe, e as filhas, que também eram irmãs, aguardavam de pé ao redor da mesa”. Assim, é correta a opção [E], pois o narrador descreve um contexto em que o lugar à mesa metaforiza uma estrutura de poder.

Resposta da questão 13:

[B]

A angústia do eu lírico decorre da constatação que as convicções se alteram de geração para geração, no sentido de corrigir comportamentos e conceitos arraigados na sociedade, mas que se vão revelando incorretos e ultrapassados ao longo do tempo. Ou seja, o eu lírico manifesta angústia pela consciência das imperfeições aceitas na construção do senso comum. Assim, é correta a opção [B].

Resposta da questão 14:

[C]

Os versos do poema “corto as palavras rentes/ com tesoura de jardim/ cega e bruta” deixam clara a opção do poeta em produzir textos que excluam o supérfluo. Este supérfluo é definido ao longo do poema (“figuras sem força de expressão”, “conectivos”, “palavras rentes”), sem, contudo, descuidar do que deve ficar implícito nessas elipses. Assim, é correta a opção [C].

Resposta da questão 15:

[B]

A anáfora, repetição do trecho “Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que...” no início de parágrafos, tem como objetivo sensibilizar o leitor sobre costumes do passado que o autor considera mais prazerosos. Assim, é correta a opção [B].



Resposta da questão 16:

[B]

Ao afirmar que os subúrbios do Rio de Janeiro foram a primeira coisa a aparecer no mundo, V. Heringer produz surpresa no leitor que, aos poucos, se dá conta da intenção do narrador em retratar o bairro do Quém com traços deformados, exagerados e grotescos, enquanto descreve aspectos característicos desse lugar. A sequência de frases como “argila primordial”, “cães soltos”, “moscas”, “botecos e arsenais de guerra” e a referência a cenas comuns aos moradores do local (“reclamar da pobreza, falar mal dos outros”) demonstram que o narrador imprime no texto uma visão caricata da paisagem de traços deteriorados, como se afirma em [B].

Resposta da questão 17:

[A]

O título do poema contém um vocábulo criado por João Cabral, aproximando a mulher de um animal, em explícita analogia. Da mesma forma que o ouriço, ao sentir-se ameaçada, a mulher se fecha para se proteger, assumindo até uma atitude agressiva, “capaz de bote, de salto”. Mas “Se o de longe lhe chega em”, “de esfera aos espinhos, ela se desouriza”, ou seja, se o desconhecido se aproxima de modo não ofensivo, ela se desarma, acabando por transformar sua aparência “multiespinhenta” “na carne de antes”, pronta para oferecer-lhe seu “abraço”. O poema metaforiza, assim, a atitude feminina de tenacidade transformada em brandura, como se afirma em [A].

Resposta da questão 18:

[B]

Ao afirmar que “Camões e outros iguais não bastaram para nos dar uma herança de língua já feita”, a autora confere à língua portuguesa um estatuto patrimonial, ou seja, considera-a parte integrante do conjunto dos bens materiais e imateriais que constituem herança coletiva e são transmitidos de geração a geração. Ao mesmo tempo, afirma que esse legado seria insuficiente não fosse a renovação constante a que está sujeito pelos usuários da língua. Assim, é correta a opção [B].

Resposta da questão 19:

[A]

É correta a opção [A], pois o incômodo provocado pela presença da índia durante as refeições familiares derivava do preconceito de classe e de raça dos irmãos do narrador relativamente à escrava que, embora fosse serviçal na casa grande, se sentava à mesa com eles.

Resposta da questão 20:

[A]

A última fala de Odorico, concedendo o direito de ser sepultado no novo cemitério a quem votasse nele e o confessasse ao padre na hora da extrema unção, revela os procedimentos típicos do exercício do poder por estruturas oligárquicas e personalizadas que usam os cidadãos para atenderem aos seus próprios interesses. Assim, a peça O bem-amado, de Dias Gomes, além da função de entretenimento, pretende criticar satiricamente o comportamento de pessoas públicas, como se afirma em [A].

Resposta da questão 21:

[C]

O prêmio Nobel da Literatura português inovou na maneira como utiliza o ponto final e a vírgula (que ele prefere chamar de sinais de pausa) marcando a frase com outro ritmo dado pela oralidade, um ritmo prosódico que é típico de quem fala a língua. No excerto do enunciado, o início da fala de cada personagem é assinalado apenas por uma capitular, formando diálogos dispostos em sequência acelerada coerente com o ambiente caótico em que decorre a narrativa. Assim, é correta a opção [C].

Resposta da questão 22:

[D]

O título do poema alude a Narciso, figura mitológica que, encantado pela sua própria beleza refletida na água da lagoa, definha e morre, podendo ser entendido como o símbolo da vaidade e do individualismo. “Contranarciso” seria, dessa forma, a inversão do mito, a expressão da necessidade do eu lírico de “beber” em outros lagos, incapaz de desfrutar plenamente de seu próprio eu sem a ajuda de outros. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 23:

[B]

Em “Romanceiro da Inconfidência”, Cecília Meireles recria poeticamente os acontecimentos históricos ocorridos em Minas Gerais, no final do século XVIII. Neste excerto do poema, o eu lírico associa a palavra, e por extensão a arte poética, ao voo das aves que flutuam no ar ao sabor do vento, revelando que a palavra encerra poderes contraditórios (“estranha potência”), pois tanto pode libertar o homem, quanto pode oprimi-lo e condená-lo à morte: “Ai, palavras, ai, palavras,/que estranha potência, a vossa!/Perdão podíeis ter sido!” X Éreis um sopro na aragem...– sois um homem que se enforca!”). Assim, é correta a opção [B].

Resposta da questão 24:

[A]

No poema “Remissão”, os versos “Tua memória, pasto de poesia,/tua poesia, pasto dos vulgares” e “o que dorme na base da elegia/vai correndo e secando pelos ares” expressam a frustração do eu lírico pela condição vulgar e efêmera da sua poesia, ao mesmo tempo que se instala a sensação de incomunicabilidade, ao reconhecer que o fazer poético serve apenas para seu próprio contentamento: “e nada resta, mesmo, do que escreves/e te forçou ao exílio das palavras,/senão contentamento de escrever”. Assim, é correta a opção [A].